

A TEOLOGIA BÍBLICA DA MISERICÓRDIA: ANÁLISE TEOLÓGICA DO CONCEITO DE MISERICÓRDIA NA SAGRADA ESCRITURA

BIBLICAL THEOLOGY OF MERCY: THEOLOGICAL ANALYSIS OF MERCY'S CONCEPT IN THE HOLY SCRIPTURE

*Diones Rafael Paganotto*¹

Resumo: A misericórdia é uma importante realidade teológica na Sagrada Escritura. Ela é, inicialmente, apresentada como um gratuito dom divino gratuito à Aliança e desenvolvida como cura interior da pessoa necessitada da salvação em Jesus Cristo. A misericórdia não é apenas um conceito abstrato, mas o próprio Deus que vem ao encontro da miséria humana.

Palavras-chave: Misericórdia. Escritura. Teologia bíblica.

Abstract: Mercy is an important theological reality in Holy Scripture. Initially, it is presented as a typically free divine gift related to the Covenant. It is also approached as the inner healing of the needy person and salvation in Jesus Christ. Mercy is not just an abstract concept but God himself who comes to encounter human misery.

Keywords: Mercy. Scripture. Biblical theology.

1 Introdução

No dia 11 de abril de 2015, através da bula “Misericordiae Vultus”, o papa Francisco proclamou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Logo no início do texto, o pontífice menciona o Cristo como o “rosto da misericórdia” do Pai e o qualifica como a síntese de toda a fé cristã: a experiência da misericórdia de Deus passa através do encontro com seu Filho encarnado.

O presente artigo procura desvendar esta experiência da misericórdia do Pai no Antigo Testamento, seguindo a divisão proposta pela tradução da LXX e utilizada pela Igreja primitiva em quatro blocos: Pentateuco, Históricos, Sapienciais e Profetas.² Logo após, a análise foca nos Evangelhos nos escritos paulinos como re-figuração direta do próprio Filho, completando o quadro dos principais elementos da teologia bíblica em

¹ Doutorando em Teologia Sistemática (Bíblica) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. E-mail: frdiones@hotmail.com.

² Este artigo é o resultado de duas palestras proferidas pelo autor durante a “XIII Jornada de Estudos” da Faculdade João Paulo II de Marília (SP), nos dias 10-11 de maio de 2016, cujo tema geral foi “Misericórdia: Aspectos Teológicos e Filosóficos”.

torno da misericórdia.³ Estas duas etapas são precedidas pela análise terminológica do vocábulo em questão, além da sua posterior síntese teológica.

2 Antigo Testamento: misericórdia como aliança

O termo “misericórdia” é facilmente encontrado em qualquer dicionário da língua portuguesa. Os significados ou sinônimos são muitos: compaixão, piedade, caridade, comiseração, perdão. A misericórdia, porém, raramente é abordada nos dicionários teológicos! Um importante elemento da teologia bíblica que não recebe a devida atenção.

Em sua origem o termo provém do latim *miser cordia*, o qual é o resultado da união de: *miseria* que indica aflição, pobreza, ausência do necessário para viver; e *cordis* que indica coração. O significado latino deste substantivo é, portanto, a reação provocada pela aflição presente no coração humano de frente a algo que lhe falta e que deve ser preenchido ou restabelecido (CERBELAUD, 2004, p. 1150).

O Antigo Testamento não utiliza uma única expressão que abranja todo o significado teológico de misericórdia. Um interessante exemplo é o início do Salmo 51(50), no qual se encontram três termos que podem ser traduzidos como misericórdia: רַחֲמֵי (piedade), רַחֲמִים (ternura) e אֱמוּנָה (fidelidade). Este Salmo é conhecido na tradição cristã como *Miserere*. O salmista se inspira no pecado de Davi cometido com Betsabéia (cf. 2Sm 11) e na repreensão de Natã para elaborar a oração do rei suplicando a misericórdia divina.

חַנּוּנֵי אֱלֹהִים

Tem **misericórdia** (piedade) de mim, ó Deus,

רַחֲמֵיךָ

pela tua **misericórdia** (ternura)!

כָּרַב רַחֲמֶיךָ מִחַה פְּשָׁעֵי

Pela tua grande **misericórdia** (fidelidade) apaga minhas transgressões!

(Sl 51[50],3)

³ A apresentação seguirá a ordem canônica dos textos bíblicos e não a possível ordem cronológica dos mesmos. As siglas dos textos bíblicos seguem o padrão proposto pela: *BÍBLIA* de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.

Um exemplo no qual os três diferentes termos hebraicos são traduzidos como misericórdia ocorre na tradução latina da *Vulgata*. Jerônimo utiliza o léxico da *miseria cordis* para traduzir רַחֲמִים , רַחֲמָנִי e רַחֲמָנִי .⁴ Percebe-se, assim, que a linguagem semita possui diferentes acepções em torno da misericórdia, as quais não são facilmente delineáveis na língua latina.

Miserere mei, Deus,

Tem misericórdia de mim, ó Deus,

secundum magnam misericordiam tuam;

segundo a tua grande **misericórdia**;

et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam.

e segundo a imensidão das tuas **misericórdias**, apaga a minha iniquidade.

O primeiro vocábulo mencionado no Salmo é רַחֲמָנִי (*piedade, amor de compaixão*), uma raiz utilizada 90x no texto hebraico das Sagradas Escrituras. Indica a ação gratuita de um superior que se abaixa em direção a um inferior que não tem direito a tal gesto. O termo subentende a gratuidade. Segundo Fretheim, רַחֲמָנִי descreve “ações beneficentes que são oferecidas ou recebidas gratuitamente e contribuem para o bem-estar de outro ou para o fortalecimento de um relacionamento duradouro” (FRETHERIN, 2011, p. 202). O salmista pede que Deus venha ao seu encontro de modo piedoso, reconhecendo que ele próprio não pode ir ao encontro de Deus para obter o perdão do seu pecado (YAMAUCHI, 1998, p. 494). O termo sublinha a misericórdia como algo gratuito.

O segundo vocábulo é רַחֲמָנִי (*fidelidade, amor imutável*), raiz utilizada 245x, das quais 128 estão no livro dos *Salmos*. Indica a relação entre duas partes iguais ou entre um superior e um inferior, algo estreito e estável estipulado mediante um pacto, uma aliança. Distinguem-se três diferentes modos de רַחֲמָנִי presentes na Sagrada Escritura: a aliança secular (entre pessoas), a aliança teológica (Deus em relação a pessoas) e a aliança religiosa (pessoas em relação a Deus) (SAKENFELD, 1978, p.1-2). Tal relacionamento tem como base a solidariedade entendida como socorro de uma das

⁴ A *Vulgata* utilize 273x o substantivo *misericórdia*, 173x o verbo *misereor* e 31x o adjetivo *miseriors*. Na grande maioria das vezes, estes lexemas têm Deus como sujeito, logo Jerônimo caracteriza a misericórdia como um atributo tipicamente divino.

partes em dificuldade (ESSER, 2000, p. 1295). O salmista reconhece que Deus permanece fiel ao compromisso assumido graças ao seu amor, em contrapartida, o orante não conseguiu realizar plenamente esta fidelidade (HARRIS, 1998, p. 499-503). De acordo com Mackenzie, “o termo indica uma benevolência ampla e abrangente, uma vontade fazer o bem aos outros, ao invés do mal. Não é exatamente o amor ou a gentileza, mas sim a bondade do coração, de onde nascem o amor e a gentileza” (MACKENZIE, 1983, p. 617). O termo sublinha a misericórdia como garantia da Aliança.

O terceiro termo é רַחֲמֵי (ternura, amor profundo), raiz utilizada 39x. De acordo com Coppes, “essa raiz se refere ao profundo amor (geralmente de uma pessoa por alguém que está numa posição inferior) que tem raízes em algum vínculo natural” (COPPES, 1998, p. 1417). No singular se refere ao ventre materno, já no plural significa as vísceras como centro da emoção (cf. Gn 43,30). O termo se refere ao amor que deixou uma “marca” indelével no ventre ou nas vísceras maternas, é o sentimento profundo e apaixonado de uma mãe pelos seus filhos (cf. Is 49,15). Enquanto que o termo anterior sublinha uma escolha permanente, רַחֲמֵי evidencia um sentimento natural e espontâneo. O salmista evoca a proximidade de Deus que não abandona seus filhos, pois assim como ocorre com uma mãe, tal sentimento vem de dentro para fora e está sempre presente (COPPES, 1998, p. 1417). O termo também possui traços de antropomorfismo, tanto quanto רַחֲמֵי, e sublinha a misericórdia como sentimento.

Em suma, a misericórdia veterotestamentária engloba uma série de elementos que podem ser assim especificados: Deus é misericordioso porque vem gratuitamente ao encontro do homem (רַחֲמֵי), pois é o seu Criador que tem dentro de si um sentimento gerador de vida (רַחֲמֵי) e o seu Redentor que permanece, graças ao amor, fiel na Aliança estabelecida com o homem (רַחֲמֵי).

2.1 Pentateuco

As primeiras páginas da Sagrada Escritura não utilizam os termos, acima enunciados, que se referem diretamente à misericórdia, mas apresentam a contínua ação divina caracterizada pelos aspectos de gratuidade, benevolência e bondade.

O poema sacerdotal (cf. Gn 1,1–2,4a) demonstra esta benevolência ao afirmar que cada elemento criado por Deus era definido como algo טוֹב (*bom*). A bondade está

presente, desde o início, em cada elemento. O clímax é a criação do ser humano, o qual é denominado como *הַיְהוָה טוֹב* (*muito bom*). A benevolência divina, exponencialmente maior no ser humano em relação à obra criada anteriormente, demonstra que a preocupação divina é a vida (MARCHADOUR, 2001, p. 59-61). Mesmo após a desobediência do pecado (cf. Gn 3,15), depois do fratricídio (cf. Gn 4,15) ou em seguida ao dilúvio (cf. Gn 9,1), Deus continua preocupando-se benevolente com a vida do ser humano. As dificuldades não são eliminadas, mas a vida é protegida e garantida. Deus demonstra inicialmente a sua misericórdia como amor pela vida, mesmo diante do pecado.

O chamado de Abraão (cf. Gn 12,1-3) apresenta outra iniciativa divina caracterizada pela benevolência. Assim como a história da humanidade iniciou com a Palavra de Deus, também a história do seu povo eleito inicia com uma palavra benévola, um chamado que será garantido pela promessa de descendência (MARCHADOUR, 2001, p. 178-179). A bênção divina, através de um homem – símbolo do seu povo – prepara a grande revelação no Êxodo: momento histórico em que Deus vem, mais uma vez, ao encontro da sua criatura necessitada deste amor. Toda a ação é misericordiosa, mesmo que o termo em quanto tal não seja, mais uma vez, utilizado. Deus demonstra a sua misericórdia como amor pelo povo libertando-o e possibilitando a vida.

Ao longo do caminho no deserto, Deus estabelece com este povo escolhido, mediante Moisés, uma *בְרִית* (*Aliança* – cf. Ex 19–24). Novamente o pecado atrapalha a sintonia entre o Criador e a criatura como demonstra o episódio do bezerro de ouro e a quebra das tábuas da Lei (cf. Ex 32,1-20). A Aliança está rompida e Deus aborda o tema da misericórdia, sob a ótica da soberania e da liberdade, na resposta diante do pecado. Os termos utilizados são *חַיִּי* e *רַחֲמִים*. Esta é uma das respostas bíblicas mais profundas: a questão do conhecimento de Deus enquanto relacionamento sincero (AZOU, 2001, p. 278). O homem percebe a necessidade da misericórdia e da bondade quando corre o risco de perdê-las.

וְחַנּוּתִי אֶת־אֲשֶׁר אֶחָן

Terei **misericórdia** (piedade) de quem eu tiver **misericórdia** (piedade),

וְרַחֲמֹתַי אֶת־אֲשֶׁר אֶרְחַם

e terei **misericórdia** (ternura) de quem eu tiver **misericórdia** (ternura).

(Ex 33,19)

Moisés intercede pelo povo e pede a renovação da Aliança e as novas tábuas da Aliança (cf. Ex 34,1-28). A súplica mosaica utiliza as três características da misericórdia divina: חַנּוּן, רַחֲמִים e חֶסֶד. Moisés reconhece a soberania e a liberdade na renovação da Aliança, mas acrescenta a terceira característica: a fidelidade. Mesmo diante do pecado, a confiança na fidelidade à Aliança garante a misericórdia divina.

יְהוָה יְהוָה אֱלֹהֵינוּ רַחֲמִים וְחַנּוּן

Senhor, Senhor, Deus de **misericórdia** (ternura) e de **misericórdia** (piedade),

אֲדָרְךָ אֲפִים וְרַב־חֶסֶד וְאֵמֶת

clemente, paciente e grande em **misericórdia** (fidelidade) e estabilidade.

(Ex 34,6)

Deus é misericórdia. Mesmo diante do rompimento da Aliança, Deus restabelece a sua benevolência, já demonstrada anteriormente ao longo da história da Salvação. Deus não pode não ser misericordioso! Em suma, o Pentateuco demonstra que Deus é misericordioso através da fidelidade à Aliança, mesmo diante das contínuas quedas do povo na vivência do pacto assumido. A misericórdia é experimentada pelo povo que tem dificuldades em assumi-la constantemente. O termo חֶסֶד, portanto, surge como algo superior em relação a חַנּוּן e רַחֲמִים, visto que demonstra a estabilidade da misericórdia.

2.2 Livros históricos

A fidelidade à Aliança continua ao longo dos livros Históricos, mas esta é evocada em situações concretas do povo escolhido. Vários profetas e homens de fé recordam continuamente, em orações e intervenções, a misericórdia divina de fronte às transgressões humanas. Merece destaque o evento da transladação da Arca da Aliança para o Templo recém construído por Salomão, no qual o rei após o discurso ao povo realiza a sua oração pessoal e recorda a Aliança e a misericórdia:

יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל

Senhor, Deus de Israel,

אֵין־כְּמוֹד אֱלֹהִים בְּשָׁמַיִם מִמַּעַל וְעַל־הָאָרֶץ

não existe Deus como ti nem nos céus nem sobre a terra,

מִתַּחַת שָׁמַר הַבְּרִית וְהַחֶסֶד לְעַבְדֶּיךָ

como tu conservas a Aliança e a **misericórdia** (fidelidade) para teus servos

הַהֹלְכִים לְפָנֶיךָ בְּכָל־לֵבָם

quando caminham de todo coração diante de ti.

(1Rs 8,23)

A misericórdia é reconhecida como algo fundamental e necessário, porém destinado somente ao povo de Israel em sua coletividade. Um membro do povo recebe a misericórdia enquanto está inserido no povo eleito. Percebe-se uma limitação da misericórdia.

A invocação ocorre em momentos precisos da história do povo de Israel, tanto antes como após o exílio, quando alguns indivíduos falam em nome do povo e suplicam pelo povo: Raab solicita misericórdia antes da tomada de Jericó (cf. Js 2,12); Rute pede a misericórdia para os membros do povo, tanto vivos como mortos (cf. Rt 2,20); Davi clama pelo perdão misericordioso diante da peste que ameaça a população (cf. 2Sm 24,14); Ezequias convoca a Páscoa como retorno à misericórdia já experimentada pelo povo (cf. 2Cr 30,9); Neemias realiza orações confiantes na misericórdia como necessidade para a reestruturação religiosa após o retorno (cf. Ne 1,5; 9,31). Em suma, nos livros Históricos a misericórdia está relacionada à Aliança e membros do povo convidam, mediante orações e discursos, a experimentar num momento bem preciso da história comunitária esta misericórdia.

2.3 Textos sapienciais

Ao interno do bloco dos textos Sapienciais, o livro dos *Salmos* (Saltério) enfatiza a misericórdia divina diante da miséria humana. O Saltério apresenta muitas orações que invocam a confiança e o louvor diante da ação misericordiosa de Deus. Enquanto que os livros Históricos enfatizam a recordação comunitária da misericórdia, os *Salmos* realçam a súplica individual. Diante da frequência que cada um dos termos inerentes à misericórdia é utilizado nos cinco livros do Saltério, se analisa a mensagem teológica em torno da misericórdia presente nos *Salmos*.

No Saltério, o termo רַחֲמִים (*ternura*) é o menos frequente, somente 11x, assim como em todo o Antigo Testamento. A maior concentração está nos primeiros 3 livros, onde se destacam súplicas e lamentações, em sua maioria individuais. Um interessante elemento sálmico é a ligação de רַחֲמִים com חֶסֶד (*fidelidade*): em sua oração, o salmista suplica a ternura divina, algo maternal e sentimental, juntamente com a fidelidade à Aliança. Eis os exemplos dos Salmos 25(24) e 40(39):⁵

זְכֹר־רַחֲמֶיךָ יְהוָה

Recorda tua **misericórdia** (ternura), ó Senhor,

וְחֶסֶדְךָ כִּי מֵעוֹלָם הָמָּה

e tua **misericórdia** (fidelidade) que existem desde a eternidade.

(Sl 25[24],6)

אַתָּה יְהוָה לֹא־תִכְלֵא רַחֲמֶיךָ

Quanto a ti, Senhor, não termines tua **misericórdia** (ternura) por mim,

כִּי מִמְּנֵי חֶסֶדְךָ וְאַמֶּתְךָ תִּמְוֶד יִצְרוּנִי

pois tua **misericórdia** (fidelidade) e amor sempre me protegerão.

(Sl 40[39],12)

Estes dois exemplos demonstram que o primeiro aspecto da misericórdia recordado pelo salmista é a ternura, o sentimento materno expresso mediante o antropomorfismo. Diante da desobediência e do pecado, o orante sente a falta da ternura divina e suplica que o Senhor se recorde e não diminua tal sentimento, pois a fidelidade é a garantia da ternura divina. O orante se coloca na situação de um filho que ao afastar-se da mãe sente a falta da benevolência. Surge, logo em seguida, a certeza que esta relação entre o orante e Deus é algo perene e eterno. Uma linha que será desenvolvida pelos profetas. A ternura é garantida pela fidelidade.

⁵ RAVASI apresenta esta relação do seguinte modo: “O Salmo é, portanto, percorrido por um arrependimento e da alegria do perdão e o léxico é aquele estritamente teológico do amor (*hesed*) divino e da aliança (*berit*): confiar, esperar, conhecer os caminhos de Deus, a verdade, a fidelidade, a salvação, a bondade, o amor, a justiça, a graça, a aliança, os preceitos, o perdão, o nome (ou seja a pessoa de Deus), o seu rosto, libertar, proteger, refugiar-se, resgatar, etc” (RAVASI, G. *I Salmi*: introduzione, testo e commento. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2006, p. 127. Tradução nossa do italiano: *Il Salmo è, quindi, tutto percorso da un brivido di pentimento e dalla gioia del perdono e il lessico è quello strettamente teologico dell'amore (hesed) divino e dell'alleanza (berit): confidare, sperare, conoscere le vie di Dio, la verità, la fedeltà, la salvezza, la bontà, l'amore, la giustizia, la grazia, l'alleanza, i precetti, il perdono, il nome (cioè la persona di Dio), il suo volto, liberare, proteggere, rifugiarsi, redimere, ecc).*

O termo **חַנּוּן** (*piiedade*) ocorre 32x no Saltério, juntamente com os vários motivos apresentados pelo salmista para obter a piedade (cf. Jó 8,5-6). A misericórdia é apresentada como a cura das dificuldades físicas e espirituais apresentadas num pedido confiante. Deste modo, a oração individual, típica dos *Salmos*, prepara a novidade profética da nova Aliança, a intervenção divina que regenera o coração humano e possibilita a vivência consciente e plena da Aliança. A misericórdia, portanto, assume um traço terapêutico. Deus é piedoso e disposto a curar o orante desde que este apresente sinceramente o motivo pelo qual merece a misericórdia.⁶

חַנּוּן יְהוָה כִּי צָרָה לִי

Tem **misericórdia** (piiedade) de mim, ó Senhor, pois estou oprimido.

(Sl 31[30],10)

יְהוָה חַנּוּן רַחֵם נַפְשִׁי כִּי־חָטָאתִי לָךְ

Tem **misericórdia** (piiedade) de mim, ó Senhor, cura a minha alma, pois pequei contra ti.

(Sl 41[40],5)

O termo **חֶסֶד** (*fidelidade*) é aquele mais utilizado no Saltério: 128x. O salmista reconhece a fidelidade divina na criação, na redenção e no auxílio à humanidade.⁷ Merece destaque o Salmo 136(135), o qual é chamado de Grande Hallel, um solene hino que acompanha a celebração da Páscoa hebraica mencionando a salvação realizada por Deus na libertação do Egito. Este Salmo festivo apresenta o termo **חֶסֶד** em todos os seus 26 versículos mediante o seguinte refrão:

כִּי לְעוֹלָם חֶסֶדוֹ

Porque para sempre é sua **misericórdia** (fidelidade).

(Sl 136[135],1ss)

⁶ Do mesmo modo que ~ymix]r;, também !n:x é ligado a ds,x,. Isto ocorre no v.12 do Salmo imprecatório 109(108). Os termos, porém, não são utilizados em referência a Deus, mas ao ser humano. No fundo da sua angústia, o salmista impreca contra o inimigo e suplica que ninguém tenha misericórdia daquele que lhe acusa e odeia.

⁷ O termo ds,x, é relacionado ao tema da criação nos Salmos 36(35),5 e 57(56),11; à criação em 106(105),45; 130(129),7 e 144(143),2; à redenção em 100(99),5 e 106(105),1.

A fidelidade de Deus é reconhecida através da criação, da salvação do Egito e no povo de Israel caminhando pelo deserto. Toda a história da salvação é lida como uma obra da misericórdia divina. Em suma, o salmista suplica a misericórdia divina sobre a situação concreta na qual se encontra. Assim como Deus já se demonstrou misericordioso ao longo de toda a história da salvação, a sua fidelidade é a garantia de uma nova intervenção, preparando também a novidade profética da nova Aliança: a misericórdia cura!

2.4 Textos proféticos

O profeta é o homem da palavra e das ações simbólicas que demonstram a presença de Deus em meio ao seu povo. Ao interno do bloco dos livros Proféticos destaca-se a figura de Oséias em relação à misericórdia, o qual é definido por Jensen como o “profeta da compaixão de Deus” (JENSEN, 2009, p. 129), visto que utiliza 6x o termo **חֶסֶד**, sempre tendo Israel como sujeito. A situação dramática vivida por este homem em seu relacionamento conjugal com uma prostituta se torna o símbolo do relacionamento do povo com o seu Deus (cf. Os 1,2-9). Algo que modifica a própria demonstração divina da misericórdia. O livro de *Oséias* confirma esta dificuldade mediante o processo jurídico típico de Israel (**רִיב**) estendido a todos os habitantes da terra.

שָׁמְעוּ דְבַר־יְהוָה בְּנֵי יִשְׂרָאֵל

Ouvi a palavra do Senhor filhos de Israel:

כִּי רִיב לַיהוָה עִם־יֹשְׁבֵי הָאָרֶץ

Porque um processo o Senhor tem contra os habitantes da terra,

כִּי אֵין־אַמֶּת וְאֵין־חֶסֶד וְאֵין־דַּעַת אֱלֹהִים בְּאָרֶץ

porque não há o amor, nem a **misericórdia** (fidelidade), nem o conhecimento de

Deus.

(Os 4,1)

Ao interno da história da salvação se destaca a vontade divina que o povo vivesse a mesma **חֶסֶד** (*fidelidade*), mas o contínuo rompimento da Aliança leva ao

processo. Diante deste processo instaurado por Deus, Schökel e Sicre Diaz destacam que a ausência de amor, misericórdia e conhecimento de Deus são os três pecados característicos da relação entre os homens e Deus (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1996, p. 1000). A única prerrogativa exigida para a renovação de Israel em quanto povo é a conversão e a vivência da fidelidade à Aliança. Israel deve viver profundamente a misericórdia recebida de Deus. Jensen resume do seguinte modo esta relação inconstante:

Em outras palavras, embora YHWH seja sempre o mais forte em relação a Israel, há algo que Deus deseja e que apenas Israel pode dar, ou seja, um amor e uma resposta que não podem ser forçados, e isso ajuda a explicar por que os profetas podem falar da חֶסֶד de Israel em relação a Deus (JENSEN, 2009, p. 131, nosso acréscimo do termo original, transliterado pelo autor).

Deus permanece na sua fidelidade e exige que o povo, em contrapartida, faça o mesmo. A Aliança deve ser vivida na misericórdia, pois o povo já a recebe, mas ainda não a coloca plenamente em prática. A falta do conhecimento de Deus e da vivência da sua misericórdia leva a uma relação deturpada com Deus. Esta mera prática exterior é exemplificada por Oséias quando cita os sacrifícios e holocaustos que não trazem a misericórdia.

כִּי חֶסֶד חָפְצָתִי וְלֹא־זָבַח

Porque **misericórdia** (fidelidade) eu quero e não sacrifício,

וְדַעַת אֱלֹהִים מֵעֹלֹת

conhecimento de Deus e não holocaustos.

(Os 6,6)

Deus promete, assim, restabelecer uma verdadeira vivência misericordiosa. O coração infiel e sem misericórdia do seu povo será curado (cf. Os 14,5). Isto levará o profeta Jeremias, pouco antes do exílio, a afirmar a Lei será escrita diretamente no coração humano (cf. Jr 31,31-34), pois somente algo vindo de dentro para fora pode sanar a infidelidade humana. O profeta exílico Ezequiel segue a mesma linha ao afirmar que somente um coração novo será disposto a viver a misericórdia (cf. Ez 36,26-32), graças ao espírito divino. O segundo Isaías em sua vivência no exílio acrescenta a

piedade divina em relação ao seu povo e evoca a fidelidade à Aliança, caracterizando-a como algo eterno e provindo de um Deus redentor (cf. Dt 5,10).

וּבְחַסְדְּ עוֹלָם רַחֲמֶיךָ

E com **misericórdia** (fidelidade) eterna tenho **misericórdia** (piedade) de ti,

אָמַר גּוֹאֲלְךָ יְהוָה

diz o Senhor teu redentor.

(Is 54,8)

De fato, Deus exige a correspondente fidelidade do seu povo e da humanidade, conforme o כִּי de Oséias, mas supera a simples troca de ações: Deus mantém a sua fidelidade mesmo diante da não correspondência humana e vai muito além, não obstante a prostituição humana, ao propor uma nova Aliança baseada na sua eterna fidelidade. No Êxodo ocorre a renovação da Aliança na misericórdia de Deus, já nos profetas se delineia a nova e eterna Aliança na misericórdia de Deus. Childs menciona esta nova perspectiva da vontade divina em relação a Israel: anteriormente havia sido anunciado um breve abandono do povo no exílio (cf. Is 40,2), mas a ira momentânea dá lugar à misericórdia permanente (cf. Is 54,8). A misericórdia é muito maior que o pecado e a infidelidade, pois é apresentada pelos profetas com a cura e não simplesmente como a tolerância diante da infidelidade (CHILDS, 2005, p. 468).

2.5 Antigo Testamento: a misericórdia do Pai

O Antigo Testamento aborda a misericórdia divina sob vários pontos de vista. Esta é uma característica de Deus e é celebrada, indiretamente, como razão da criação de tudo aquilo que existe. Deus favorece gratuitamente (רַחֵם) a humanidade e elege um povo como destinatário da sua misericórdia e estipula uma Aliança com este povo, exigindo a fidelidade (אֱמֶת) neste relacionamento, visto que o amor divino já fora demonstrado na libertação do Egito (cf. Ex 33,19). As dificuldades humanas, porém, impedem um relacionamento profundo com Deus e o pecado exige a experiência do perdão, algo tipicamente ligado à misericórdia (cf. Ex 34,6).

A partir de então, esta relação entre um Ser superior e um inferior se caracteriza pelo contínuo pedido de perdão por parte do homem e o constante dom da misericórdia

(cf. 1Rs 8,23; Sl 31[30],10; 41[40],5), o qual se manifesta como algo eterno (cf. Sl 25[24],6; 40[39],12; 136[135],1ss) e com a capacidade de curar o coração humano, incapaz de viver plenamente a comunhão com Deus assumida na Aliança (cf. Is 54,8; Os 6,6). Tudo isto foi possível porque Deus é misericórdia, esta é a sua marca característica (רַחֲמִים).

Portanto, a teologia veterotestamentária entende a misericórdia divina como um amor incondicional. Uma característica que se manifesta ao longo de toda a história do povo de Israel: iniciada na criação, revelada na libertação, estipulada na Aliança, aprimorada diante da inconstância do povo e completada na nova Aliança. O próprio Deus é a misericórdia como afirma o salmista.

כִּי־אַתָּה אֲדֹנָי טוֹב וְסָלַח

Pois tu és, Senhor, bom e perdoas,

וְרַב־חַסֵּד לְכָל־קְרֹאֵיךָ

Cheio de **misericórdia** (*fidelidade*) para todos que te invocam.

(Sl 86[85],5)

3. Novo Testamento: misericórdia como salvação

Os vocábulos רַחֲמִים (*fidelidade*) e חַסֵּד (*piiedade*) são traduzidos pela LXX, geralmente, com o substantivo ἔλεος (*misericórdia*) e seus derivados. Esta raiz é utilizada 78x no Novo Testamento, com maior predominância nos Sinóticos e em Paulo. Indica a direta ação de Jesus Cristo na realidade humana caracterizada pelas dificuldades ocasionadas pelo pecado. Em alguns casos, utiliza-se o raro substantivo οἰκτιρισμός (*compaixão*), raiz utilizada apenas 10x nos escritos neotestamentários. Indica, na maioria das vezes, a ação misericordiosa de Deus como o elemento que garante toda a doutrina cristã.

O termo רַחֲמִים (*ternura*) é traduzido pela LXX, comumente, com o substantivo σπλάγχνα (*compaixão*), utilizado apenas 11x no Novo Testamento. Indica o sentimento humano de compaixão diante da dificuldade de um indivíduo ou um grupo. É a misericórdia que leva a uma ação concreta em um determinado momento.

A teologia bíblica da misericórdia no Novo Testamento segue a linha veterotestamentária de um Deus que permanece fiel à Aliança e perdoa o pecado, porém a novidade é a regeneração da humanidade através da nova Aliança, já proposta pelos profetas, na pessoa de Jesus Cristo e a misericórdia humana como reflexo daquela divina.⁸

3.1 Evangelhos sinóticos

O *Evangelho de Mateus* cita 2x a passagem de Oséias (cf. Os 6,6), a qual expressa o desejo divino da misericórdia ao invés do sacrifício (cf. Mt 9,13; 12,7). Em ambos os casos Jesus cita Oséias ao interno de uma polêmica com os fariseus: durante a refeição com os publicanos e pecadores, após o chamado de Mateus, e em seguida às espigas arrancadas pelos discípulos no dia do sábado. A polêmica surge diante do uso do termo “sacrifício”: ao invés de se oferecer algo a Deus (sacrificar), Cristo pede que algo seja oferecido aos pecadores e discípulos: ἔλεος (*misericórdia*). Deste modo, a misericórdia é vista como a tolerância e a liberalidade, ou seja, a percepção de que o outro necessita de algo que está ao alcance daquele que é misericordioso (MACKENZIE, 1983, p. 617). Esta necessidade é colocada, na perspectiva mateana, como um preceito da Lei, algo indispensável, mas negligenciado pelos fariseus (FABRIS, 1996, p. 226-228).

καὶ ἀφήκατε τὰ βαρύτερα τοῦ νόμου,
e omittis os preceitos mais importantes da Lei:
τὴν κρίσιν καὶ τὸ ἔλεος καὶ τὴν πίστιν.
a justiça e a **misericórdia** e a fé.
(Mt 23,23)

A misericórdia se apresenta, assim, como uma necessidade fundamental do indivíduo. Algo presente na Lei, mas que vai além do esquema rígido do legalismo, pois demonstra a atuação da verdadeira justiça, Cristo considera a dignidade da pessoa e a trata com respeito observando a situação concreta na qual se encontra e aquilo que pode

⁸ Segundo ESSER, os três conceitos semitas em torno da misericórdia têm como base a questão jurídica da Aliança e o sentimento humano de compaixão; a terminologia grega expressa na tradução da LXX e no Novo Testamento, por outro lado, se baseia, predominantemente, na questão psicológica e individual (cf. ESSER, H.-H. *Misericórdia*. In: COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1295).

receber de Deus, para aí sim, oferecer algo (sacrificar). Deste modo, Mateus manifesta o desejo de aproximação entre Deus e o homem, entre a bondade divina e a miséria humana.

O *Evangelho de Lucas* é, desde a antiguidade, conhecido como o “Evangelho da misericórdia”, vista a constante frequência do substantivo e suas implicações teológicas. A misericórdia divina é mencionada no cântico do *Magnificat*⁹, o qual valoriza a história da salvação através do Antigo Testamento e atualiza esta obra de misericórdia na vinda do Messias.

καὶ τὸ ἔλεος αὐτοῦ εἰς γενεὰς καὶ γενεὰς τοῖς φοβουμένοις αὐτόν,

E a sua misericórdia de geração em geração para os que o temem.

ἀντελάβετο Ἰσραὴλ παιδὸς αὐτοῦ, μνησθῆναι ἐλέους.

Socorreu Israel seu servo, recordando a **misericórdia**.

(Lc 1,50.54)

A preocupação com o outro, já expressa por Mateus, recorre também em Lucas na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37). O reconhecimento da misericórdia é colocado ao final da parábola, quando o ouvinte tira suas conclusões diante da narração proposta por Jesus. A misericórdia, portanto, é um elemento fundamental na correta interpretação da parábola. O intérprete da Lei afirma que o samaritano foi próximo do ferido e necessitado, pois após sentir compaixão, foi-lhe ao encontro demonstrando preocupação e auxílio. A resposta de Jesus o convida a proceder de igual modo: ser misericordioso como o samaritano, pois o Pai é misericordioso com todos os seus filhos (cf. Lc 6,36).

Σαμαρίτης δέ τις ὁδεύων ἦλθεν κατ’ αὐτόν καὶ ἰδὼν ἐσπλαγχνίσθη,

Um samaritano que viajava passou perto dele e vendo sentiu **compaixão**.

ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος μετ’ αὐτοῦ.

O que usou de **misericórdia** para com ele.

(Lc 10,33.37)

⁹ Segundo ROSSÉ, o *Magnificat* é um antigo hino judeu-cristão inserido por Lucas no início do evangelho. Trata-se de uma composição de estilo sálmica de louvor e agradecimento pela obra de salvação em favor dos pobres de Israel (cf. ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca*. Roma: Città Nuova, 1992, p. 69).

O termo ἔλεος (*misericórdia*) não aparece nas conhecidas “parábolas da misericórdia”: a ovelha perdida (cf. Lc 15,4-7), a dracma perdida (cf. Lc 15,8-10) e o pai com dois filhos (cf. Lc 15,11-32), porém a mensagem da solidariedade em direção a quem estava afastado e a alegria da acolhida expressam características inerentes à misericórdia. De fato, assim como o samaritano, também o pai ἐσπλαγγνίσθη (*sentiu compaixão*) do filho mais jovem e foi-lhe ao encontro (cf. Lc 15,20).

Outro aspecto relacionado à misericórdia está presente no verbo ἐλέεω (*ter misericórdia*) o qual é noto na liturgia visto a sua utilização penitencial na expressão: κύριε ἐλέησόν (*ó Senhor, tem misericórdia*). Os Evangelhos sinóticos utilizam 15x o verbo, na maioria das vezes em situações de doença ou privação. As pessoas encontram Jesus e pedem para si ou para alguém próximo a misericórdia: os dois cegos (cf. Mt 9,27), a mãe da menina cananéia (cf. Mt 15,22), o cego de Jericó (cf. Mt 20,30-31; Mc 10,47-48; Lc 18,38-39), os dez leprosos (cf. Lc 17,13). Na parábola do homem rico e do pobre Lázaro, o pedido de misericórdia ultrapassa a vida terrena e chega à visão beatífica. Diante do tormento das chamas, o rico suplica a misericórdia de Abraão.

καὶ αὐτὸς φωνήσας εἶπεν· πάτερ Ἀβραάμ, ἐλέησόν με.

E ele, suplicando, disse: ó Pai Abraão, **tem misericórdia** de mim!

(Lc 16,24)

A parábola apresenta a situação paradoxal de alguém que durante a sua vida terrena não teve misericórdia, não se preocupou com o bem do outro (o pobre), mas suplica em meio às chamas pela misericórdia de Abraão. O rico reconhece Lázaro neste momento, logo também o reconhecia anteriormente, mas por uma opção pessoal não usara de misericórdia. Aquele que rejeita o próximo, também rejeita a misericórdia, mesmo reconhecendo a sua importância e necessidade. Em suma, os Evangelhos de *Mateus* e *Lucas* evidenciam a misericórdia como algo presente na história da salvação e reconhecido na vinda do Messias, pois Deus usou de misericórdia e veio ao encontro da humanidade necessitada para salvá-la. A presença salvadora do Cristo leva à aproximação e à preocupação com o bem estar do outro.

O *Evangelho de Marcos* demonstra outro aspecto da misericórdia ao utilizar o verbo σπλαγγνίζομαι (*sentir compaixão*). Jesus percebe a dificuldade e, movido pelo sentimento humano da compaixão, realiza algo para aqueles que lhe estão de frente:

cura um leproso (cf. Mc 1,41), ensina a multidão (cf. Mc 6,34) e multiplica os pães (cf. Mc 8,2). Estes episódios marcanos também estão presentes na tradição sinótica de Mateus e Lucas. O sentimento de compaixão de Jesus é um reflexo de uma característica divina, uma atitude benévola do pastor que se preocupa com o seu ovel (cf. Nm 27,17) (GNILKA, 2007, p. 355).

Καὶ ἐξελθὼν εἶδεν πολὺν ὄχλον καὶ ἐσπλαγχνίσθη ἐπ' αὐτούς,
E desembarcando viu uma grande multidão e **sentiu compaixão** deles,
ὅτι ἦσαν ὡς πρόβατα μὴ ἔχοντα ποιμένα,
porque eram como ovelhas que não tinham um pastor,
καὶ ἤρξατο διδάσκειν αὐτοὺς πολλά.
e começou a ensinar-lhes muitas coisas.
(Mc 6,34)

Marcos apresenta Jesus que vê a necessidade e sente no seu íntimo compaixão, logo em seguida passa a um gesto concreto. Este é um caminho de misericórdia que completa aquilo que já foi evidenciado pelos outros evangelistas: perceber a necessidade do outro, colocar-se no seu lugar e se aproximar para, finalmente, realizar algo que transforma a sua vida. Assim como Jesus sente compaixão e é misericordioso com o homem, cada um dos seus seguidores é convidado a fazer o mesmo (cf. Mc 5,19).

A tradição joanina (*Evangelho, Cartas e Apocalipse*) não desenvolve uma reflexão bíblico-teológica em torno da misericórdia. A única menção ocorre na saudação inicial da *Segunda carta de João*, na qual o autor deseja χάρις (*graça*), ἔλεος (*misericórdia*) e εἰρήνη (*paz*) à senhora eleita (cf. 2Jo 3).

3.2 Tradição paulina

No dia 30 de novembro de 1980, o papa João Paulo II publicou a encíclica “Dives in Misericordia” sobre a misericórdia divina. A expressão inicial escolhida foi o texto dêutero-paulino da *Carta aos Efésios*.

ὁ δὲ θεὸς πλούσιος ὢν ἐν ἐλέει, διὰ τὴν πολλὴν ἀγάπην αὐτοῦ ἦν ἠγάπησεν ἡμᾶς.

Deus rico em **misericórdia**, por causa do seu grande amor com que nos amou.

καὶ ὄντας ἡμᾶς νεκροὺς τοῖς παραπτώμασιν συνεζωοποίησεν τῷ Χριστῷ,

e estando nós mortos nas transgressões, nos con-vivificou com Cristo

χάριτί ἐστε σεσωσμένοι.

pela graça sois salvos.

(Ef 2,4-5)

O autor bíblico aborda a misericórdia de Deus como a manifestação plena do amor que gera a vida e a salvação em Cristo. Tudo isto é apresentado como uma graça, algo gratuito e impossível de ser obtido humanamente. É possível perceber, indiretamente, a presença da tríplice terminologia da misericórdia veterotestamentária nesta reflexão dêutero-paulina: o gratuito amor de Deus (יְהוָה) é algo típico da sua natureza (יְהוָה) e leva a salvação permanente (יְהוָה) mediante uma vida nova em Cristo. Esta é a realização da nova criação profetizada no Antigo Testamento. O apóstolo apresenta, portanto, a salvação como uma obra de misericórdia do Pai e do Filho, realizada graças ao amor que supera as transgressões e o pecado.

No final da parte dogmática da *Carta aos Romanos*, Paulo apresenta a inicial situação de desobediência de Israel e dos pagãos que culmina com a misericórdia divina (PITTA, 2001, p. 400-401). Novamente a misericórdia é colocada como a ação divina que supera o pecado (desobediência) e provoca algo novo na vida daqueles que a acolhem. Enquanto que Israel permanece na desobediência e não acolhe o Deus misericordioso, os pagãos deixaram a desobediência e obtiveram a misericórdia, tornando-se, assim, um modelo para o grupo anterior. Deus é misericordioso, mas exige sempre a conversão para que o seu amor possa se manifestar.

ὥσπερ γὰρ ὑμεῖς ποτε ἠπειθήσατε τῷ θεῷ,

Como vós outrora desobedecestes a Deus,

νῦν δὲ ἠλεήθητε τῇ τούτων ἀπειθείᾳ,

agora **obtivestes misericórdia** pela desobediência deles,

οὕτως καὶ οὗτοι νῦν ἠπείθησαν

assim também estes agora desobedeceram

τῷ ὑμετέρῳ ἐλέει, ἵνα καὶ αὐτοὶ [νῦν] ἐλεθῶσιν.

pela vossa **misericórdia**, para que também eles agora **obtenham misericórdia**.

(Rm 11,30-31)

A desobediência do pecado é apresentada por Paulo como a grande miséria humana, a total incapacidade humana de salvação. Somente a misericórdia possibilita a salvação e a obediência, pois provoca uma cura interior: a graça da salvação. A inicial conversão e a perseverança em um novo estilo de vida são sempre acompanhadas pela misericórdia. Após experimentar a eficácia da misericórdia divina e se transformar em um vaso de misericórdia (cf. Rm 9,23; Tt 3,5), o homem pode também ser misericordioso com o seu próximo mediante a ação do Espírito Santo (cf. Rm 15,9; 2Cor 4,1). Enquanto que os Evangelhos apresentam Jesus como o “rosto da misericórdia” anunciado pelos profetas como uma nova Aliança, Paulo acrescenta a perspectiva da salvação. A misericórdia, portanto, cura e salva!

3.3 Novo Testamento: a misericórdia do Filho e do Espírito Santo

Tanto a tradição sinótica como aquela paulina apresentam a misericórdia divina como um dom gratuito oferecido a toda a humanidade. Após perceber a miséria do próprio coração, o ser humano necessita da intervenção divina que, através de Jesus Cristo, cura e proporciona uma vida nova. O autor da *Carta aos Hebreus* apresenta este “caminho” misericordioso como aproximação ao trono da graça:

ροσερχώμεθα οὖν μετὰ παρρησίας τῷ θρόνῳ τῆς χάριτος,

Portanto, aproximemo-nos com ousadia do trono da graça,

ἵνα λάβωμεν ἔλεος καὶ χάριν εὐρωμεν εἰς εὐκαιρον βοήθειαν.

para que recebamos misericórdia e encontremos graça para o socorro favorável.

(Hb 4,16)

Deste modo, vivendo na misericórdia de Deus, o cristão poderá também ser misericordioso com o seu próximo. Este novo estilo de vida não é um esforço pessoal, mas uma graça de Deus. Estar inserido na misericórdia e, assim, ser misericordioso é algo fundamental na vida cristã que prepara para o reino dos céus. O trono é o símbolo do poder espiritual e gratuito que a misericórdia realiza no cristão. A misericórdia robustece a vida nova assumida em Cristo.

O *Evangelho de Mateus* apresenta a misericórdia divina como ponto de partida e, ao mesmo tempo, de chegada desta nova vida proposta pelo Cristo. É misericordioso aquele que já recebeu este dom divino e consegue ir ao encontro do próximo, pois reconhece que a plenitude da misericórdia será obtida no encontro definitivo com o Cristo ressuscitado no reino dos céus (FABRIS, 1996, p. 126-127). Isto é evidente na quinta bem aventurança apresentada no “Discurso da montanha”.

μακάριοι οἱ ἐλεήμονες, ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.

Bem aventurados os **misericordiosos**, porque **terão a misericórdia**.

(Mt 5,7)

A misericórdia pode, assim, ser apresentada como o dom inicial provindo de Deus para propiciar uma mudança radical na vida do homem, algo tipicamente divino e gratuito. A medida que o homem percebe a sua miséria e a necessidade desta dádiva, cresce nele misericórdia divina e ele se torna misericordioso, pois percebe a necessidade do outro e não é indiferente a isto. Enfim, esta vivência da misericórdia divina e humana abre as portas do reino dos céus, pois futuramente a humanidade terá o total acesso à misericórdia que é o próprio Deus.

Viver a misericórdia, portanto, exige de cada ser humano uma nova criação, um novo olhar sobre a realidade, um novo modo de viver. Este já era o desejo do salmista no Salmo 51(50), apresentado inicialmente, que suplicava a misericórdia: a presença constante e nova de Deus em sua vida, para que o desejo inicial se transformasse em algo perene.

לב טהור בְּרֵאֵלֵי אֱלֹהִים וְרוּחַ נְכוֹן חִדָּשׁ בְּקִרְבִּי

Um coração puro cria em mim, ó Deus, e um **espírito firme** renova dentro de mim.

אַל־תִּשְׁלִיכֵנִי מִלְּפָנֶיךָ וְרוּחַ קִדְשְׁךָ אַל־תִּקַּח מִמֶּנִּי

Não me removas da tua face, e o teu **Espírito santo** não retires de mim.

הַשִּׁיבָה לִּי שִׂשׂוֹן יְשׁוּעָה וְרוּחַ נְדִיבָה תִּסְמְכֵנִי

Restitui para mim a alegria da tua salvação, e o **espírito generoso** me sustente.

(Sl 51[50],12-14)

O mesmo Espírito santo que o salmista almejou está presente no próprio Cristo quando o *Evangelho de Lucas* apresenta a leitura, por parte de Jesus na sinagoga de Nazaré, do texto de *Isaias* como início do seu ministério público (cf. Is 61,1-2), como atualização do Ano Jubilar (cf. Lv 25), jamais plenamente realizado pelo povo de Israel. Cristo convida a vivência individual da misericórdia que leva, por conseguinte, a uma vivência comunitária e eclesial. A dificuldade comunitária de viver a misericórdia na teologia veterotestamentária seja, assim, ocasionada pela grande ênfase na comunidade e na redução da importância do indivíduo que recebe a misericórdia.

πνεῦμα κυρίου ἐπ' ἐμὲ

O **Espírito do Senhor** está sobre mim,

οὐ εἵνεκεν ἔχρισέν με εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς,

porque me consagrou para evangelizar os pobres,

ἀπέσταλκέν με, κηρύξαι ἀιχμαλώτοις ἄφεσιν

me enviou para proclamar a libertação dos cativos,

καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν,

para restaurar a vista aos cegos,

ἀποστεῖλαι τεθραυσμένους ἐν ἀφέσει,

para enviar na liberdade os oprimidos,

κηρύξαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτόν.

para proclamar o **ano favorável** do Senhor.

(Lc 4,18-19)

A presença do Espírito consagra e leva à evangelização, por conseguinte surge a necessidade de anunciar a libertação, a cura, o envio e a proclamação do ano favorável do Senhor. Justamente com este objetivo, o papa Francisco promulgou o Ano santo da Misericórdia, através na bula “Misericordiae Vultus”: um ano jubilar e favorável para experimentar ainda mais a ternura, a piedade e a fidelidade de Deus que se manifesta em Jesus Cristo através do Espírito Santo. Esta é a possibilidade de obter, mais uma vez, a misericórdia divina que traz consigo a cura e a salvação.

4 Conclusão

A compreensão da teologia bíblica da misericórdia proposta por este artigo parte de uma análise terminológica dos termos referentes à *miseria cordis* no Antigo Testamento. A misericórdia é um dom gratuito e típico de Deus que permanece fiel ao povo escolhido, não obstante o seu pecado. O desejo da misericórdia está presente nas súplicas individuais e coletivas e ultrapassa o pecado na promessa de uma nova Aliança. Deus é misericórdia e não abandona a sua Aliança.

A misericórdia se fez carne na pessoa de Jesus Cristo. Isto provoca a cura interior do pecador e exige um caminho misericordioso como o Cristo (ir ao encontro do próximo). Deste modo, o cristão recebe a misericórdia e é misericordioso. A perseverança neste novo estilo de vida tem como base o desejo da salvação eterna. A misericórdia é o próprio Cristo e não, apenas, um conceito abstrato. Cristo é o rosto da misericórdia que cura e salva através do amor.

5 Referências

- AZOU, G. *Dalla servitù al servizio: il libro dell'Esodo*. 5. ed. Bologna: EDB, 2001.
- BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.
- BÍBLIA: ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BÍBLIA: NESTLE, E.; ALAND, B. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- BÍBLIA: RAHLFS, A. *Septuaginta*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- CERBELAUD, D. *Misericórdia*. In: LACOSTE, J.-Y. (Org.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas – Loyola, 2004.
- CHILDS, B. S. *Isaia*. Brescia: Queriniana, 2005.
- COPPEL, L. J. ~x;r'. In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- ESSER, H.-H. *Misericordia*. In: COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- FABRIS, R. *Matteo*. 2. ed. Roma: Borla, 1996.
- FRANCISCO, Papa. Bula “Misericordiae vultus” (11 abr. 2015). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>. Acesso em 13 abr. 2016.
- FRETHEIM, T. E. !nx. In: VANGEMEREN, W. A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (vol. 2). São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- GNILKA, J. *Marco*. 2. ed. Assisi: Cittadella, 2007.
- HARRIS, R. L. ds,x,. In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- JENSEN, J. *Dimensões éticas do profetas*. São Paulo: Loyola, 2009.
- JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica “Dives in misericordia” (30 nov. 1980). São Paulo: Loyola, 1980.

- MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1983
- MARCHADOUR, A. *Genesi: commento teologico-pastorale*. 6. ed. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2001.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- PITTA, A. *Lettera ai Romani: nuova versione, introduzione e commento*. 2. ed. Milano: Paoline, 2001
- RAVASI, G. *I Salmi: introduzione, testo e commento*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2006.
- ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca*. Roma: Città Nuova, 1992.
- SAKENFELD, K. D. *The Meaning of Hesed in the Hebrew Bible: A New Inquiry*. Missoula: Scholars, 1978.
- SCHÖKEL, L. A.; SICRE DIAZ, J. L. *I Profeti*. 3. ed. Roma: Borla, 1996.
- YAMAUCHI, E. !n:x". In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.